

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
CURSO DE FILOSOFIA

**RAYSA CRISTINE SILVA CAMPELO**

**IGUALDADE DE GÊNERO NA PERSPECTIVA UTILITARISTA DE PETER  
SINGER**

SÃO LUÍS

2024

RAYSA CRISTINE SILVA CAMPELO

**IGUALDADE DE GÊNERO NA PERSPECTIVA UTILITARISTA DE PETER  
SINGER**

Monografia apresentada como requisito para a  
obtenção do título de Licenciada em Filosofia  
pela Universidade Federal do Maranhão.

Orientador: Profº. Drº. Hélder Machado Passos.

SÃO LUÍS

2024

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Silva Campelo, Raysa Cristine.

IGUALDADE DE GÊNERO NA PERSPECTIVA UTILITARISTA DE  
PETER SINGER / Raysa Cristine Silva Campelo. - 2024.  
36 p.

Orientador(a): Helder Machado Passos.

Monografia (Graduação) - Curso de Filosofia,  
Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2024.

1. Utilitarismo. 2. Igualdade de Gênero. 3. Peter  
Singer. 4. . 5. . I. Machado Passos, Helder. II.  
Título.

RAYSA CRISTINE SILVA CAMPELO

IGUALDADE DE GÊNERO NA PERSPECTIVA UTILITARISTA DE PETER SINGER

Monografia apresentada como requisito para a  
obtenção do título de Licenciada em Filosofia  
pela Universidade Federal do Maranhão.

Orientador: Profº. Drº. Hélder Machado Passos.

Aprovada em: \_\_/\_\_/\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA:**

---

**Profº Drº. Hélder Machado Passos. (orientador)**  
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

---

**Profª Drª. Marly Cutrim de Menezes**  
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

---

**Profª Drª. Maria Olilia Serra**  
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, expresso minha profunda gratidão à minha família, especialmente aos meus pais, Cleidiomar Campelo e Márcia Campelo, pelo amor, apoio incondicional e pelos inúmeros sacrifícios que fizeram para que eu pudesse alcançar este objetivo. Agradeço também aos meus irmãos, Iuri Campelo, Rafaela Campelo e Rebeka Campelo, pela compreensão e constante incentivo ao longo dessa jornada.

Ao meu orientador, Professor Helder Passos, registro meu sincero agradecimento pela paciência, dedicação e pelas valiosas orientações, que foram essenciais para a concretização desta monografia. Sem suas contribuições e apoio, este trabalho não teria alcançado o nível de qualidade apresentado.

Às minhas amigas, Brenda Menezes, Tatiana Cleudimar, Milena de Sá e Denise Ribeiro, sou grata pelo companheirismo, apoio e por todos os momentos compartilhados, que me deram forças para chegar até aqui.

A todos, deixo meu mais sincero agradecimento

## RESUMO

O presente trabalho investiga a questão da igualdade de gênero à luz da ética utilitarista de Peter Singer, com ênfase em suas contribuições para a ética prática. Baseado na obra *Ética Prática* (1979), onde Singer expõe suas ideias sobre a aplicação de princípios éticos a questões contemporâneas, o estudo explora como o utilitarismo pode oferecer uma abordagem eficaz para compreender e enfrentar as disparidades históricas entre homens e mulheres. A monografia está estruturada em três capítulos. O primeiro, intitulado *Fundamentos Utilitaristas de Singer: Igualdade e Justiça Social*, analisa os princípios centrais do utilitarismo na filosofia de Singer, destacando sua abordagem sobre igualdade e justiça social. O segundo capítulo, *Peter Singer e o Debate sobre Gênero*, investiga a igualdade de gênero como um problema filosófico, discutindo o impacto do utilitarismo na compreensão das questões de gênero. O último capítulo, *Utilitarismo e Igualdade de Gênero: Relevância e Aplicabilidade*, examina a pertinência e a aplicação das ideias de Singer nas discussões contemporâneas sobre gênero, incluindo temas como o movimento #MeToo, a disparidade salarial e os direitos reprodutivos. Além de discutir temas éticos e de gênero, a pesquisa também aborda a estética e a história da arte, destacando como a arte reflete transformações sociais e éticas ao longo do tempo, contribuindo para uma compreensão mais profunda das representações de gênero. A investigação, de cunho bibliográfico, adota uma abordagem hermenêutica para analisar questões relativas à igualdade de gênero e direitos das mulheres, explorando a Ética, Filosofia da Cultura, Antropologia Filosófica, Estética e temas transversais. O método histórico-filosófico é utilizado para demonstrar as hipóteses argumentativas em cada seção do trabalho. O objetivo geral da pesquisa é examinar a percepção de igualdade de gênero sob o viés do pensamento utilitarista de Peter Singer, buscando compreender como suas ideias influenciam a discussão sobre justiça e igualdade de gênero na contemporaneidade. Especificamente, busca-se: (1) investigar os fundamentos do utilitarismo na filosofia de Singer, com ênfase em como esse sistema ético aborda questões de igualdade e justiça social; (2) examinar as contribuições de Singer para o debate filosófico sobre igualdade de gênero, identificando as principais premissas e argumentos que ele apresenta nesse contexto; e (3) estabelecer conexões entre o utilitarismo de Peter Singer e os debates contemporâneos sobre gênero, explorando a aplicabilidade de suas ideias no contexto atual. A reflexão proposta por Singer sobre a ampliação dos direitos, transcendente aos seres humanos e abrangendo todas as formas de vida, é conectada à igualdade de gênero, sublinhando a importância de superar paradigmas tradicionais para uma compreensão mais ampla e justa das questões éticas contemporâneas.

**Palavras-chave:** filosofia; femismo; ética; gênero; Peter Singer.

## ABSTRACT

This paper investigates the issue of gender equality in light of Peter Singer's utilitarian ethics, with an emphasis on his contributions to practical ethics. Based on the work *Practical Ethics* (1979), where Singer presents his ideas on the application of ethical principles to contemporary issues, the study explores how utilitarianism can offer an effective approach to understanding and addressing the historical disparities between men and women. The thesis is structured into three chapters. The first chapter, titled *Singer's Utilitarian Foundations: Equality and Social Justice*, analyzes the central principles of utilitarianism in Singer's philosophy, highlighting his approach to equality and social justice. The second chapter, *Peter Singer and the Gender Debate*, investigates gender equality as a philosophical problem, discussing the impact of utilitarianism on the understanding of gender issues. The final chapter, *Utilitarianism and Gender Equality: Relevance and Applicability*, examines the relevance and application of Singer's ideas in contemporary gender discussions, including topics such as the #MeToo movement, wage disparity, and reproductive rights. In addition to discussing ethical and gender issues, the research also addresses aesthetics and art history, highlighting how art reflects social and ethical transformations over time, contributing to a deeper understanding of gender representations. The investigation, of a bibliographic nature, adopts a hermeneutic approach to analyze issues related to gender equality and women's rights, exploring Ethics, Cultural Philosophy, Philosophical Anthropology, Aesthetics, and transversal themes. The historical-philosophical method is used to demonstrate the argumentative hypotheses in each section of the work. The general objective of the research is to examine the perception of gender equality from the perspective of Peter Singer's utilitarian thought, aiming to understand how his ideas influence the discussion on justice and gender equality in contemporary times. Specifically, it seeks to: (1) investigate the foundations of utilitarianism in Singer's philosophy, with an emphasis on how this ethical system addresses issues of equality and social justice; (2) examine Singer's contributions to the philosophical debate on gender equality, identifying the main premises and arguments he presents in this context; and (3) establish connections between Peter Singer's utilitarianism and contemporary gender debates, exploring the applicability of his ideas in the current context. Singer's reflection on the expansion of rights, transcending human beings and encompassing all forms of life, is connected to gender equality, underscoring the importance of overcoming traditional paradigms for a broader and fairer understanding of contemporary ethical issues.

**Keywords:** philosophy; feminism; ethics; gender; Peter Singer.



## SUMÁRIO

|                                                                                             |           |
|---------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO .....</b>                                                                   | <b>10</b> |
| <b>2 FUNDAMENTOS UTILITARISTAS DE SINGER: IGUALDADE E JUSTIÇA SOCIAL .....</b>              | <b>12</b> |
| 2.1 Visão utilitarista da ética .....                                                       | 12        |
| 2. 2 igualdade e justiça social.....                                                        | 15        |
| <b>3 PETER SINGER E O DEBATE SOBRE GÊNERO .....</b>                                         | <b>19</b> |
| 3.1 Libertação animal e libertação de gênero? .....                                         | 19        |
| <b>4 UTILITARISMO E IGUALDADE DE GÊNERO: RELEVÂNCIA E APLICABILIDADE .....</b>              | <b>28</b> |
| 4.1 Utilitarismo e Igualdade de Gênero: Conexões Contemporâneas e Aplicações Práticas ..... | 28        |
| <b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                                                          | <b>35</b> |
| <b>6 REFERÊNCIAS .....</b>                                                                  | <b>37</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

Desde tempos remotos, a humanidade lida com questões morais e éticas sobre a vida, o desenvolvimento humano e o progresso. Esses dilemas são analisados por filósofos, pensadores e cientistas, que, a partir de suas próprias perspectivas, tentam oferecer orientações racionais para guiar as ações humanas. No panorama do que se convencionou chamar de filosofia moral, a ética dedica-se à compreensão do comportamento humano, bem como da normatividade das ações e do caráter de indivíduos e grupos sociais. No cenário contemporâneo da ética, o filósofo Peter Singer desafia os paradigmas estabelecidos instigando uma revisão crítica das normas éticas tradicionais. Apresentando contribuições pertinentes para a ética prática, Singer, destaca-se ao propor um utilitarismo aplicado a questões éticas, reconfigurando o modo como é concebido o imperativo moral de agir em prol do bem-estar humano. Um exemplo disso é a argumentação elaborada pelo supracitado autor em defesa dos direitos dos animais, fundamentada sobretudo na igual capacidade de sofrimento e prazer, subverte, pois, as concepções antropocêntricas arraigadas. Singer introduz o conceito de *senciência* como um critério moral central: seres sencientes, aqueles que têm a capacidade de experimentar sofrimento e prazer, devem ser incluídos na esfera de consideração moral.

Em *Ética prática*, o utilitarista australiano, expõe inicialmente o que não pode ser considerado ética e o que pensa ser ética. A discussão se aprofunda na aplicação de determinadas concepções éticas. A ética, enquanto forma de decidir ações e orientar modos de vida, está presente em todas as sociedades. No convívio social, os indivíduos precisam de parâmetros de conduta para conciliar seus interesses com os dos outros e para manter o ambiente em que vivem. Por trás de hábitos simples, como um aperto de mãos ou o descarte correto do lixo, há uma motivação ética. No entanto, nem sempre as pessoas percebem essa necessidade, e frequentemente os limites éticos não são respeitados, como em filas de banco ou em instituições governamentais. Existem valores universais, como o senso de justiça e reciprocidade, mas variam conforme as diferentes realidades sociais e culturais. Além disso, a prática moral tem passado por mudanças significativas devido ao surgimento de novos problemas e novas abordagens para questões existentes como o problema de gênero, diferença salarial etc.

Hodiernamente, discussões sobre a questão de gênero tem se tornado presentes em diversas esferas da sociedade. Um exemplo disso é o movimento *#MeToo*, que ganhou força a partir de 2017, evidenciando a extensão do assédio sexual e desigualdades de poder, vivenciados principalmente no ambiente de trabalho. Além disso, o debate acerca da

disparidade salarial entre homens e mulheres também vêm sendo uma pauta constante, solicitando medidas para corrigir essa desigualdade. Somado a isso, o debate em torno dos direitos reprodutivos e o acesso à saúde sexual e reprodutiva têm sido pautas em reuniões governamentais sobre legislações relacionadas ao aborto pelo globo terrestre. Esses pontos destacados refletem uma crescente conscientização e mobilização em torno das questões de gênero na sociedade contemporânea. Nota-se que não foi apenas a natureza das atividades das mulheres na sociedade que mudou, mas também os papéis que elas desempenham e as expectativas convencionais sobre esses papéis, especialmente os papéis públicos femininos. Houve uma transformação não somente do papel feminino, mas também na compreensão do que significa ser mulher, ou seja, na subjetividade do feminino.

Nesse cenário, esta pesquisa investiga a questão da igualdade de gênero a partir da ética utilitarista de Peter Singer, partindo de suas contribuições no que tange à aplicabilidade de suas propostas no mundo contemporâneo. Este trabalho, pois, propõe uma incursão nas questões éticas tangentes ao problema de gênero, explorando as interseções entre a moralidade e as disparidades históricas entre homens e mulheres. A pesquisa é efetuada por meio de uma análise da obra do autor, com ênfase no livro “*Ética Prática*” (1979), no qual o autor conduz a uma exposição argumentativa acerca da aplicação de determinadas concepções éticas. Esta investigação não se concentra apenas nos domínios da ética e da igualdade de gênero, mas também explora a estética e história da arte. A arte, como expressão intrínseca cultural, reflete as transformações estéticas, as dinâmicas sociais e os conflitos éticos inerentes a cada época. Analisar o quadro histórico de obras e movimentos artísticos torna viável um panorama sobre as representações de gênero ao longo do tempo.

Nesse segmento, este trabalho está estruturado em três capítulos: O primeiro capítulo, cujo título é “*Fundamentos utilitaristas de Singer: igualdade e justiça social*”, explora os alicerces do utilitarismo na filosofia de Peter Singer, enfatizando a forma como esse sistema ético aborda as temáticas relacionadas à igualdade e à justiça social. Em seguida, no segundo capítulo intitulado “*Peter Singer e o debate sobre gênero*”, por meio de um percurso histórico-filosófico sobre a questão de gênero, aborda a igualdade entre gêneros como problema filosófico. No último capítulo “*Utilitarismo e igualdade de gênero: relevância e aplicabilidade*” são identificados os vínculos entre o utilitarismo de Peter Singer e as discussões contemporâneas acerca da questão de gênero, investigando a relevância e a aplicação de suas ideias.

## 2 FUNDAMENTOS UTILITARISTAS DE SINGER: IGUALDADE E JUSTIÇA SOCIAL

A presente seção busca investigar os fundamentos do utilitarismo na filosofia de Singer, enfatizando o modo em que esse sistema ético aborda as questões de igualdade e justiça social, sobretudo a partir da obra *Ética Prática* (1979).

### 2.1 Visão utilitarista da ética

Ao longo da década de 1970, Singer elabora sua concepção utilitarista da filosofia moral. Entre suas obras mais relevantes desse período estão o artigo "*Famine, Affluence, and Morality*" ("Fome, Riqueza e Moralidade"), publicado em 1972 na revista *Philosophy and Public Affairs*, e as primeiras edições dos livros *Democracy and Disobedience* ("Democracia e Desobediência") em 1973, *Animal Liberation* ("Libertação Animal") em 1975, e *Practical Ethics* ("Ética Prática") em 1979. Essas obras, entretanto, não apenas apresentavam uma versão teórica do utilitarismo, mas também aplicavam a teoria a problemas práticos como a fome mundial, os limites da democracia, a consideração ética pelos animais, o aborto e a eutanásia. No cenário filosófico atual, o pensamento de Singer ocupa uma posição de destaque, principalmente devido às suas contribuições ao debate ético, que são fortemente focadas na prática e na resolução de questões morais contemporâneas. Ele busca desenvolver uma filosofia moral cujo princípio normativo, a saber, o princípio de igual consideração de interesses, serve como guia para orientar as ações das pessoas. Na maior parte de sua obra busca investigar as consequências da aplicação desse princípio nas situações práticas que podem acontecer no cotidiano social. A filosofia prática de Singer se baseia no **utilitarismo de preferências**, que difere do utilitarismo clássico ao considerar o atendimento dos interesses dos sujeitos em vez de apenas aumentar o prazer e reduzir o sofrimento.

Em *Ética Prática*, Singer discute várias concepções errôneas sobre o que convencionase chamar de "ética". Em primeiro lugar o filósofo refuta a ideia de que a ética se resume a proibições, especialmente em relação ao sexo. Ele argumenta que decisões sexuais envolvem questões como honestidade e respeito (mesmo em um contexto de preocupações sérias como a epidemia de AIDS), mas não levantam questões éticas únicas. Singer considera que questões de segurança e impacto ambiental na condução de veículos são moralmente mais sérias do que aquelas relacionadas ao sexo:

Por lo tanto, lo primero que hay que decir sobre la ética es que no se trata de un conjunto de prohibiciones particularmente relacionadas con el sexo. Incluso en la época del sida, el sexo, en absoluto, plantea problemas morales únicos. Las decisiones sobre el sexo pueden conllevar consideraciones sobre la honradez, la preocupación

por los demás, la prudencia, etcétera, pero no hay nada especial en el sexo en este sentido, ya que lo mismo podría decirse sobre las decisiones a la hora de conducir un coche (de hecho, las cuestiones morales que se plantean a la hora de conducir un coche, tanto desde el punto de vista medioambiental como del de la seguridad, son mucho más serias que las que plantea el sexo). En consecuencia, este libro no incluye ninguna discusión sobre la moralidad sexual: hay cuestiones éticas más importantes que considerar. (Singer, 1995, p. 02)

Singer sugere que as decisões sexuais, assim como muitas outras, envolvem aspectos como honestidade, preocupação com o bem-estar dos outros e prudência. No entanto, essas considerações não são exclusivas da questão sexual. Por exemplo, tomar decisões sobre como conduzir um carro também exige honestidade (cumprir as leis de trânsito), preocupação com os outros (garantir a segurança de passageiros e pedestres) e prudência (conduzir de forma responsável). Ele aponta que, na verdade, as questões morais relacionadas à direção de um veículo podem ser ainda mais graves do que aquelas ligadas ao comportamento sexual, considerando tanto os impactos ambientais quanto os de segurança. Assim, Singer sugere que a moralidade sexual não deve ocupar um espaço desproporcional nas discussões éticas, pois há outras questões éticas que são mais prementes e importantes de serem consideradas. Para Singer a finalidade da ética é orientar a ação prática, uma vez que regras simples não são suficientes para lidar com a complexidade da vida real.

O segundo argumento de Peter Singer se relaciona ao fato de que a validade de uma teoria ética está diretamente ligada à sua aplicabilidade no mundo real. Se uma teoria ética não pode ser colocada em prática, ela não cumpre sua função fundamental e, assim, não pode ser considerada uma boa teoria ética:

En segundo lugar, la ética no es un sistema ideal noble en teoría, pero sin validez en la práctica. Más bien sería lo contrario: un juicio ético que no sea válido en la práctica debe padecer a la vez de un defecto teórico, ya que la razón principal de todo juicio ético es servir de guía a la práctica. (Singer, 1995, p. 02)

A ética deve, portanto, ser tanto teoricamente sólida quanto praticamente viável para ser verdadeiramente útil e relevante. Um julgamento ético que não pode ser aplicado na prática revela um problema em sua base teórica. Para o autor a principal função de qualquer julgamento ético é orientar a ação prática. Portanto, se uma teoria ética não pode ser aplicada de maneira prática, isso indica uma falha em sua concepção teórica.

Para além disso, o autor contesta a ideia de que a ética é apenas um conjunto de regras simples e inflexíveis, como "Não mintas" ou "Não roubes", que muitas vezes são consideradas inaplicáveis às complexidades da vida real. O filósofo aponta que situações excepcionais podem

exigir a violação dessas regras aparentemente universais, como mentir para proteger vidas durante o regime nazista. Essas abordagens simplistas não invalidam a ética como um todo, mas uma concepção ética específica. Os deontologistas, que veem a ética como um sistema de regras, podem adaptar suas teorias elaborando regras mais complexas ou hierarquizando-as para resolver conflitos. Além disso, Singer introduz a concepção consequencialista, que avalia as ações com base em seus resultados e objetivos, como o utilitarismo, que considera uma ação boa se produzir mais felicidade.

Em terceiro lugar, “la etica no es algo que sea inteligible solo en el contexto de la religion. Yo considerare a la etica totalmente independiente de la religion” (Singer, 1995, p. 04), isto é, para o autor, a ética não é algo que possa ser compreendido apenas no contexto da religião. Ele afirma que a ética pode ser considerada completamente independente da religião. Os princípios e as normas éticos podem existir e serem entendidos fora de qualquer quadro religioso.

O quarto e último argumento diz que “la etica sea relativa o subjetiva” (Singer, 1995, p. 04). Singer discute a ideia de que a ética é relativa à sociedade em que se vive, reconhecendo que as ações humanas podem ser consideradas boas ou más dependendo de suas consequências em diferentes contextos. Um exemplo disso são as relações sexuais fortuitas que podem ser vistas como prejudiciais se resultarem em crianças sem cuidados adequados, mas não seriam consideradas prejudiciais se a contracepção eficaz estivesse disponível. Isso mostra que a aplicabilidade de um princípio específico pode ser relativa no tempo e no espaço, o que Singer chama de *relativismo superficial*. Tal relativismo diferencia-se de um relativismo mais fundamental, que ganhou popularidade no século XIX com a descoberta das crenças morais de sociedades distantes. Essa forma de relativismo sugere que nenhum julgamento moral pode ser objetivamente válido, refletindo apenas os costumes da sociedade que o gera. Os marxistas adaptaram essa visão às suas teorias, afirmando que a moral de uma sociedade é relativa à sua classe economicamente dominante. Essa visão relativista possui problemas significativos para Singer. Por exemplo, se a moral é relativa, não há base para escolher entre a concepção de uma sociedade que condena a escravidão e outra que a aceita. Além do mais, o relativismo não é capaz de explicar a posição dos reformadores sociais que desafiam as normas estabelecidas, pois se “a escravidão é um mal” significa apenas que “a minha sociedade rejeita a escravidão”, qualquer pessoa que viva em uma sociedade que a aceita estaria cometendo um erro fático ao dizer que a escravidão é um mal. Isso implica que reformadores estão necessariamente errados até que suas opiniões se tornem majoritárias.

A consequência dessa ideia de relativismo é que os princípios morais são considerados válidos apenas dentro de uma concepção específica de "mundo" (limitada às sociedades, culturas, grupos, etc.) (Singer, 1995, p. 07). Segundo o relativismo, o grupo X aprova a ação A, portanto A é considerado bom para esse grupo. Nessa visão, o bem coincide com o que é socialmente aceito. Peter Singer argumenta que o relativismo moral é semelhante ao relativismo cultural.

O subjetivismo ético, por sua vez, implica que os juízos éticos dependem da aprovação ou desaprovação individual, e não da sociedade. No entanto, essa visão enfrenta dificuldades em explicar divergências éticas entre indivíduos, para Singer, pois se alguém diz que a crueldade para com os animais é condenável e outra pessoa diz que não, ambas as proposições podem ser verdadeiras sem nada para discutir. Singer considera que tanto o relativismo quanto o subjetivismo enfrentam desafios e que tais dificuldades são suficientes para refutar o relativismo ético comum. Ao diferenciar de uma forma simplista de subjetivismo (que vê os juízos éticos apenas como descrições das atitudes de quem fala), algumas representações de ética subjetiva são plausíveis. O filósofo concorda que não há um domínio de fatos éticos objetivos independentes dos sujeitos, mas isso não significa que os juízos éticos são imunes à crítica ou que a razão e argumentação não têm papel na ética. A ausência de fatos éticos objetivos não impede o raciocínio ético; ao contrário, pode facilitar a discussão ética. O que é necessário para fundamentar a ética prática é demonstrar que o raciocínio ético é possível. Singer reconhece que observarmos a nós mesmos raciocinando sobre ética não é suficiente para entender como isso ocorre e que compreender os fundamentos do raciocínio ético é crucial para não se perder no processo.

Desse modo, para Singer a ética é uma concepção. A ética deve ser vista sob um viés que concede à razão um papel fundamental nas decisões morais. O autor questiona como os sujeitos emitem juízos morais e como estes diferem de outros juízos práticos. Viver de acordo com padrões éticos envolve não apenas seguir convicções pessoais, mas também justificar essas ações de maneira que vá além dos interesses individuais, abrangendo o interesse de todos afetados. Sendo assim, uma visão utilitarista da ética. Essa universalização ética, segundo o autor, sugere uma inclinação inicial para o utilitarismo, onde as decisões éticas são guiadas pela maximização dos interesses afetados.

## **2. 2 igualdade e justiça social**

Peter Singer, ao analisar as transformações nas atitudes morais ao longo do século, especialmente em relação a questões como aborto, sexo extramatrimonial, homossexualidade, pornografia, eutanásia e suicídio; nota que embora essas mudanças tenham sido significativas, não há um novo consenso universal sobre esses temas controversos. Assim, o filósofo busca pensar um princípio ético para estabelecer a igualdade entre os seres sencientes humanos e não-humanos.

Singer associa o princípio de igualdade a ortodoxia política e ética dominante e questiona o porquê de todos os sujeitos o aceitarem. Quando confrontada com a diversidade real entre indivíduos, a aplicação do princípio da igualdade enfrenta desafios. Ele observa que, embora haja um consenso contra formas evidentes de discriminação racial, questionar os fundamentos desse princípio revela dissensões profundas. Um exemplo citado são as controvérsias surgidas nas décadas de 1970 em resposta às afirmações de estudiosos como Arthur Jensen e H. J. Eysenck sobre diferenças de inteligência entre raças, suscitando preocupações sobre o potencial uso dessas diferenças para justificar discriminação racial:

El caso principal, en lo que se refiere a la legislación estadounidense, es el del Equipo de Gobierno de la Universidad de California contra Bakke. Alan Bakke solicitó la admisión en la Facultad de Medicina de la Universidad de California en Davis. En un intento por aumentar el número de miembros de los grupos minoritarios que estudiaban en la Facultad de Medicina, la universidad reservó 16 de cada 100 plazas disponibles para estudiantes que pertenecieran a una minoría menos privilegiada. Debido a que estos estudiantes no habrían conseguido tantas plazas en una oposición libre, fueron admitidos menos estudiantes de origen europeo de los que hubieran entrado de no haber existido tal reserva. Algunos de los estudiantes rechazados habrían conseguido entrar sin duda alguna, según los resultados que obtuvieron en las pruebas de acceso, si hubieran pertenecido a algún grupo minoritario. Bakke estaba entre estos estudiantes de origen europeo rechazados, y por este motivo demandó a la universidad. Tomemos este caso como caso tipo de la acción afirmativa y hagámonos la siguiente pregunta: ¿es defendible? (Singer, 1995, p. 57)

No caso Equipe de Governo da Universidade da Califórnia contra Bakke, Alan Bakke contestou a política de ação afirmativa da Universidade da Califórnia em Davis depois de ser rejeitado na Faculdade de Medicina. A universidade reservou 16 de cada 100 vagas para estudantes de grupos minoritários, o que resultou na rejeição de Bakke e outros estudantes de origem europeia, apesar de suas qualificações acadêmicas. A questão central é se a ação afirmativa é defensável, levantando debates sobre equidade, justiça e mérito nas políticas de admissão educacional. O filósofo enfatiza que as variações individuais em termos de características físicas, habilidades cognitivas, comportamentos e disposições emocionais são tão substanciais que tornam difícil estabelecer uma base factual sólida para o princípio da igualdade. Isso é particularmente evidente em debates contemporâneos sobre questões como a ação afirmativa,



onde há argumentos divergentes sobre se o princípio exige privilégios para minorias desfavorecidas ou se deve rejeitar qualquer forma de discriminação, seja a favor ou contra esses grupos. Uma análise ética, na visão do autor, é necessária para fundamentar o princípio da igualdade de forma a reconciliar a diversidade humana com as aspirações de justiça social, reconhecendo tanto as diferenças individuais quanto as exigências de equidade.

O princípio da igualdade na consideração de interesses não exige, pois, tratamento igual em todas as situações, mas sim que os interesses das pessoas sejam considerados de maneira imparcial e equitativa. Um outro exemplo disso, é o fato da administração de morfina a vítimas de um terremoto: a igualdade na consideração de interesses pode levar a um tratamento desigual, como dar duas doses a uma pessoa gravemente ferida e nenhuma a outra, para maximizar o alívio da dor. Isso implica uma busca por resultados mais igualitários, mesmo que o tratamento inicial pareça desigual. No entanto, o autor reconhece que há casos complexos onde a igualdade na consideração de interesses pode aumentar, ao invés de diminuir, a diferença entre indivíduos em termos de bem-estar. Isso faz com que seja considerado um princípio mínimo de igualdade, não perfeito, mas útil para guiar decisões éticas em situações controversas.

A igualdade, assim, se configura como um princípio básico ético (não uma assertiva factual) estando em questão, eminentemente, o problema os interesses de todos os afetados, como condição precisa para a busca do fundamento universal pretendido pelo caráter de eticidade das ações. Para o filósofo, princípio da igual consideração de interesses estabelece que a disposição do indivíduo em considerar os interesses dos outros não deve depender de suas habilidades ou outras características, exceto pelo fato de que eles têm interesses (Singer, 1995). Segundo o filósofo, as melhores consequências a serem perseguidas ao serem escolhidas sob uma determinada via de ação, necessariamente passará pelo levantamento minucioso e específico dos interesses envolvidos, visto que, para ele o princípio de igual consideração de interesses não é configurado como algo pronto e acabado, que atenda a todas as possibilidades inerentes à própria condição humana. Na visão do autor:

Mas o elemento básico – levar em conta os interesses das pessoas, sejam eles quais forem - deve aplicar-se a todos, sem levar em consideração a sua raça, o seu sexo ou os pontos alcançados no teste de inteligência... A igual consideração de interesses é um princípio mínimo de igualdade, no sentido de que não impõe um tratamento igual (Singer, 2002, p. 32).

Nesse sentido, Singer entende como o princípio da igual consideração de interesses se configura como um padrão mínimo de igualdade, onde há casos em que a busca da consecução do tratamento igualitário ocorre por via de um tratamento desigual dos interesses envolvidos, como meio de se chegar a um efetivo resultado igualitário dos interesses afetados, onde lança-se mão do conceito do princípio da diminuição da utilidade marginal, proveniente da economia. A questão da igualdade não pode ser explicada totalmente e, muito menos justificada, tanto por seu caráter genético, através do conceito de Q. I., quanto por seu caráter ambiental ou social, mas que por conta de uma complexa equação de variáveis composta e criada por todos esses componentes. Desse modo, as diferenças raciais, sexuais, de aptidões e oportunidades herdadas (ou construídas socialmente), não podem ser base segura na qual podem ser tiradas conclusões sólidas e fundamentadas que possibilitem elaborar uma regra que promova universalizar o tratamento dado à humanidade em geral.

A partir disso, questiona-se: é possível pensar a partir da filosofia de Peter Singer a questão da igualdade de gênero?

### 3 PETER SINGER E O DEBATE SOBRE GÊNERO

Esta seção se propõe explorar e examinar quais as possíveis contribuições de Peter Singer para o debate filosófico acerca da igualdade de gênero, buscando identificar quais as principais premissas e argumentos apresentados pelo autor nesse contexto.

#### 3.1 Libertação animal e libertação de gênero?

Singer, no prefácio de "*Libertação Animal*" (1975), destaca a necessidade de um movimento de libertação que combata os preconceitos e a discriminação baseados em características arbitrárias, como raça ou gênero. O pensador sugere que, assim como houve lutas históricas contra a opressão de negros e mulheres, é crucial estender essa luta aos animais, que também sofrem opressão histórica. Assim, a luta contra a tirania imposta aos animais é tão importante quanto as causas morais e sociais que têm sido defendidas nos últimos anos. O autor elabora uma analogia entre o movimento negro nos Estados Unidos, que serviu de modelo para outros grupos marginalizados, como homossexuais, indígenas e falantes de espanhol, e a necessidade de um movimento similar em defesa dos animais. Quanto ao movimento das mulheres, Singer observa que havia a crença de que a discriminação baseada em gênero seria a última forma de discriminação abertamente aceita e praticada, e que, com o avanço desse movimento, chegaríamos ao fim desse tipo de reivindicação. No contexto do livro, Singer propõe que o movimento de libertação animal deve ser visto como uma extensão natural das lutas históricas contra outras formas de opressão, argumentando que as mesmas razões morais que justificam a igualdade racial e de gênero também se aplicam à libertação dos animais.

Um movimento de libertação obriga os indivíduos a expandirem seus horizontes e a questionar práticas que antes eram consideradas "normais", naturais ou inevitáveis. Tais práticas, uma vez aceitas sem questionamento, podem agora ser vistas como preconceitos injustificáveis. O autor enfatiza que os sujeitos devem adotar a concepção daqueles que sofrem devido a essas práticas para realmente entender a necessidade de mudança. Nesse sentido, É preciso ter cautela ao afirmar que uma determinada forma de discriminação é a "última" remanescente, pois muitas vezes o sujeito é incapaz de reconhecer preconceitos que estão enraizados em sua vida cotidiana. Singer destaca que esses preconceitos só se tornam visíveis quando são explicitamente apontados. Assim, não há justificativa - exceto o egoísmo de querer manter os privilégios do grupo dominante - para recusar a inclusão de outras espécies no princípio básico da igualdade.

Peter Singer, na supracitada obra aponta que a ideia de "*Libertação Animal*" e "*Os Direitos dos Animais*" foi inicialmente vista como uma paródia dos movimentos de libertação, como o

dos direitos das mulheres. Ele menciona que, quando Mary Wollstonecraft publicou "*Vindication of the Rights of Woman*"<sup>1</sup> (Reivindicação dos Direitos da Mulher) em 1792, suas ideias foram consideradas absurdas por muitos, o que levou Thomas Taylor (filósofo de Cambridge) a escrever uma obra satírica intitulada "*A Vindication of the Rights of Brutes*" (*Uma Reivindicação dos Direitos dos Brutamontes*), cuja tese reacionária se pautava na seguinte questão: "se as mulheres deveriam ter direitos iguais, então por que não aplicar a mesma lógica aos animais como cães, gatos e cavalos?". Ele tentou mostrar que, se fosse absurdo dar direitos aos animais, o mesmo deveria ser verdade para as mulheres, já que o raciocínio era o mesmo para ambos. Ao ver de Singer, a igualdade de direitos das mulheres foi frequentemente ridicularizada, mas essa resistência não justifica a falta de igualdade, da mesma forma que não justifica a negação de direitos aos animais. A partir dessa analogia entre os direitos das mulheres e o direito dos animais não-humanos, o filósofo sugere que para compreender o argumento a favor da igualdade dos animais, é útil começar com uma análise do argumento a favor da igualdade das mulheres. Ele não está comparando diretamente os direitos que devem ser concedidos a mulheres e animais, mas sim a lógica subjacente ao princípio da igualdade. A ideia é que, ao reconhecer a falácia nos argumentos contra a igualdade de gênero, PODE-SE aplicar a mesma crítica aos argumentos contra a igualdade de direitos para os animais. Assim, a luta pela igualdade, seja para mulheres ou para os animais não-humanos, reflete uma batalha comum contra a injustiça e a exclusão, onde a lógica da igualdade deve ser aplicada de forma coerente e mais abrangente.

Por essa razão, nesta monografia, optou-se por trazer à tona a analogia proposta por Singer entre os animais não-humanos e a questão das mulheres, a fim de explorar e aprofundar o debate sobre a questão de gênero. Uma vez que Peter Singer não buscou equiparar diretamente os direitos de mulheres e animais, mas sim destacar a lógica comum que sustenta a luta por igualdade em diferentes contextos. Ao analisar a forma como a igualdade de direitos das mulheres foi historicamente ridicularizada e resistida, é possível identificar paralelos com a resistência encontrada na luta pelos direitos dos animais. A partir disso é possível refletir sobre como certos preconceitos e formas de discriminação se perpetuam em nossa sociedade, muitas vezes disfarçados de argumentos "racionais" ou "naturais". A discriminação de gênero, assim como a discriminação especista<sup>2</sup>, baseia-se em hierarquias arbitrárias que justificam a

---

<sup>1</sup> A Reivindicação Dos Direitos Da Mulher (1792) é considerada como base da literatura feminista.

<sup>2</sup> Singer entende o especismo como uma forma de discriminação em que os interesses de um indivíduo são desconsiderados ou desvalorizados unicamente com base na sua espécie. Assim como o racismo ou o sexismo, o especismo privilegia uma espécie (geralmente a humana) sobre outras, ignorando que animais também possuem a capacidade de sentir dor e prazer.

exploração e a subjugação de um grupo por outro. Ao examinar as raízes dessas discriminações, fica evidente que elas compartilham um padrão comum de marginalização e exclusão, que precisa ser desafiado.

Igualdade aqui não significa necessariamente que todos devam ter os mesmos direitos específicos. Por exemplo, não faz sentido reivindicar o direito ao voto para cães ou o direito ao aborto para homens, pois são seres diferentes com necessidades e capacidades diferentes. No entanto, para o autor, mesmo sendo seres diferentes, todos merecem ter seus interesses considerados de maneira justa. O "princípio básico da igualdade", segundo Singer, não exige um tratamento idêntico para todos, mas sim uma consideração igualitária dos interesses de cada ser, levando em conta suas particularidades:

“A extensão do princípio básico da igualdade de um grupo a outro não implica que devamos tratar ambos os grupos exatamente da mesma forma, ou conceder os mesmos direitos aos dois grupos, uma vez que isso depende da natureza dos membros dos grupos. O princípio básico da igualdade não requer um tratamento igual ou idêntico; requer consideração igual. A consideração igual para com os diferentes seres pode conduzir a tratamento diferente e a direitos diferentes.” (Singer, 2010, p. 20).

Isso significa que os direitos devem ser ajustados às características e necessidades de cada grupo, mas sempre com base na premissa de que todos os interesses devem ser tratados com igual importância. A igualdade moral entre os seres humanos não deve ser baseada em características como inteligência, força física ou capacidade moral, pois essas variam de indivíduo para indivíduo. Singer questiona o que realmente significa afirmar que todos os seres humanos são iguais, dado que, em muitos aspectos, cada indivíduo é diferente um do outro. Se a igualdade fosse exigida apenas com base na existência de uma igualdade verdadeira entre todos, a defesa da igualdade não teria fundamento, pois as diferenças entre as pessoas são inegáveis.

É importante salientar que o autor reconhece que há argumentos que tentam justificar a desigualdade de direitos entre seres humanos, como as alegações de superioridade intelectual ou física de certas raças ou sexos, baseadas em estudos científicos. No entanto, ele afirma que o foco não deve ser em tentar refutar esses argumentos puramente com base na falsidade de suas premissas. Em vez disso, propõe que o mais importante é entender que a defesa da igualdade não depende de tais características. A igualdade, segundo Singer, é uma ideia moral, um princípio ético que transcende as diferenças individuais:

“A igualdade é uma ideia moral, e não a afirmação de um fato. Não existe nenhuma razão obrigatória do ponto de vista lógico para uma diferença fática de capacidade

entre duas pessoas justificar qualquer diferença na consideração que damos às suas necessidades e interesses. O princípio da igualdade dos seres humanos não constitui uma descrição de uma suposta igualdade factual existente entre os humanos: trata-se de uma prescrição do modo como devemos tratar os seres humanos.” (Singer, 2010, p. 22)

Desse modo, a igualdade, como princípio, não deve ser confundida com igualdade factual. A igualdade é uma ideia moral que orienta como os sujeitos devem tratar uns aos outros, e não uma afirmação sobre a realidade factual das capacidades ou características das pessoas. Embora existam diferenças reais entre as pessoas em termos de capacidades, inteligência, força física, e outras características, essas diferenças não justificam, do ponto de vista lógico, que as pessoas se tratem de maneira desigual em termos de suas necessidades e interesses. Em outras palavras, o fato de duas pessoas terem diferentes níveis de habilidade ou capacidade não deve levar a uma diferença na consideração moral que lhes é devida. O princípio da igualdade dos seres humanos não é, pois, uma constatação de que todos os humanos são iguais em todos os aspectos, mas sim uma orientação ética sobre como cada um pode agir em relação aos outros. Esse princípio prescreve que, independentemente das diferenças factuais, cada ser humano deve ser com igual consideração, com o mesmo peso aos interesses de cada um.

Singer, assim, redefine o conceito de igualdade, não como uma afirmação de que todos são literalmente iguais em capacidades ou características, mas como um princípio ético que exige consideração igual para com todos, independentemente dessas diferenças. Esse entendimento da igualdade desafia qualquer tentativa de justificar a desigualdade de direitos com base em diferenças naturais ou adquiridas entre indivíduos, seja entre seres humanos ou entre humanos e animais.

Outro ponto trazido à tona por Singer é sobre a questão de como a experimentação em seres humanos que não pertencem ao grupo dos próprios experimentadores tem sido uma prática recorrente ao longo da história, frequentemente resultando em abusos. Um exemplo notório nos Estados Unidos foi o estudo em Tuskegee, Alabama, onde doentes negros com sífilis foram deliberadamente deixados sem tratamento, mesmo após a descoberta de que a penicilina era eficaz. Na Nova Zelândia, em 1987, um médico deixou de tratar mulheres com sinais iniciais de câncer para testar uma teoria sem informá-las, resultando em 27 mortes. Esses casos mostram uma maior conscientização moral na sociedade atual, em comparação com atrocidades como as cometidas pelos nazistas, mas ainda existem muitos seres sencientes por quem a preocupação moral é ausente. A questão de quando uma experiência é justificável é complexa e não pode ser respondida com absolutos. Embora a tortura ou a experimentação em seres humanos seja quase sempre errada, em situações extremas, como salvar inúmeras vidas,

pode ser considerada justificável. Para decidir a justificabilidade de uma experiência, é sugerido que ela deve ser tão importante que justificaria a utilização de um ser humano mentalmente deficiente, já que um enviesamento especista, como um racista, é injustificável. Contudo, este princípio não é absoluto, e casos em que a experimentação em humanos poderia ser justificada são extremamente raros.

No segundo capítulo de *Ética Prática*, intitulado "*A igualdade e suas considerações*", Peter Singer examina a igualdade como fundamento da moralidade, partindo do preceito de universalidade. O filósofo inicia sua análise abordando os preconceitos, definidos como julgamentos negativos e prévios que determinados grupos sociais constroem em relação a outros, baseados em etnia, grupo ou religião. Esses preconceitos são adquiridos socialmente, desde a infância, através da interação familiar, escolar, religiosa e em outros contextos sociais. Singer aponta que ao longo da história, preconceitos raciais e sexuais resultaram em discriminações e tratamentos injustos contra pessoas, baseados em raça, sexo, cor ou origem étnica. Essas formas de preconceito se manifestam em comportamentos discriminatórios, estereótipos negativos, insultos raciais, exclusão social e até violência física. Tais práticas constituem ações injustas que violam os direitos humanos e impedem que as pessoas sejam tratadas com igualdade e respeito. O autor observa que, na contemporaneidade, posturas preconceituosas como racismo e sexismo tornaram-se publicamente inaceitáveis. Isso não implica que essas formas de preconceito tenham sido erradicadas, mas sim que expressões de preconceito desse tipo não são mais toleradas no discurso público. O princípio que sustenta essa mudança é o da igualdade entre os seres humanos, que rejeita qualquer forma de discriminação.

O princípio da igual consideração dos interesses estabelece que, ao tomarem decisões, os seres humanos devem considerar os interesses de todos os afetados por suas ações. Peter Singer afirma que essa igual consideração é o que impede a justificção do racismo e do sexismo (Singer, 1995, p.19-20), já que as supostas diferenças entre grupos não alteram o fato de que todos os seres possuem interesses, como evitar a dor, buscar abrigo e alimento, desenvolver suas capacidades, manter relações humanas e viver uma vida digna. Com base nesse princípio, Singer argumenta que uma sociedade escravista é eticamente inaceitável. A escravidão priva os indivíduos escravizados de perseguirem seus interesses de forma livre, e os benefícios aparentes que os proprietários de escravos obtêm não podem ser considerados tão relevantes quanto o dano causado aos escravizados. A restrição total da liberdade e a severa limitação das oportunidades humanas que a escravidão impõe são sofrimentos e prejuízos humanamente inaceitáveis e moralmente absurdos.

Na mesma obra, Singer faz alguns apontamentos sobre as diferenças sexuais e igualdade sexual, abordando debates sobre diferenças psicológicas entre homens e mulheres. Ele observa que, embora testes de QI não mostrem diferenças significativas na média geral entre os sexos, existem variações em capacidades específicas. Por exemplo, alguns estudos sugerem que as mulheres tendem a ter maior capacidade verbal, enquanto os homens mostram superioridade em capacidades matemáticas e visuais-espaciais:

“Os debates sobre as diferenças psicológicas entre homens e mulheres não se referem ao \_Q\_I em geral. Os testes genéricos de Q.I não apresentam diferenças consistentes na média dos resultados obtidos por homens e mulheres. Mas os testes de Q.I medem uma gama de diferentes capacidades; e, quando decompomos os resultados de acordo com o tipo de capacidade medida, encontramos diferenças significativas entre os sexos. Há alguns indícios que sugerem que as mulheres possuem maior capacidade verbal que os homens. Isto implica terem mais :, capacidade para compreender peças complexas de escrita e serem mais criativas com as palavras. Os homens, por outro lado, parecem dispor de maior capacidade matemática e também obter melhores resultados nos testes que envolvem aquilo a que se chama capacidade "visual espacial". Um exemplo de uma tarefa que exige capacidade visual espacial é aquele em que se pede à pessoa que descubra uma forma (um quadrado, por exemplo) incorporada ou dissimulada num padrão mais complexo”. (Singer, 2002, p. 26).

Singer também destaca diferenças não intelectuais como a agressividade, que parece ser mais prevalente entre homens. Estudos realizados em diversas culturas mostram que meninos são mais inclinados a comportamentos violentos e competitivos, enquanto as meninas tendem a adotar papéis mais cuidadosos:

“Os sexos também diferem marcadamente numa importante característica não intelectual: a agressividade. Os estudos efectuados em crianças de diversas culturas diferentes puseram a nu aquilo de que os pais há muito suspeitavam: os rapazes têm maior tendência para brincadeiras violentas, para se atacarem e para ripostar quando atacados do que as raparigas. Os homens agredem mais do que as mulheres, uma tendência que se reflecte n facto de quase todos os crimes violentos serem cometidos por homens. Afirmou-se que a agressão está associada à competitividade e à pulsão para dominar os outros e subir ao topo de qualquer pirâmide hierárquica de que uma pessoa faça parte. Em contrapartida, as mulheres têm maior tendência para adoptar um papel que implique tomar conta dos outros. Há importantes diferenças psicológicas que foram repetidamente observadas em muitos estudos relativos a homens e mulheres. Qual é a origem destas diferenças? Mais uma vez, as explicações rivais são o ambiente \*versus\* a biologia, a cultura \*versus\* a natureza. Embora esta questão da origem tenha importância em alguns contextos especiais, a primeira vaga de feministas concedeu-lhes um peso exagerado por pensarem que a libertação da mulher assentava na aceitação do lado ambiental da controvérsia. O que é verdade no caso da discriminação racial também se aplica aqui: pode demonstrar-se que a discriminação é um mal independentemente da origem das diferenças psicológicas conhecidas.” (Singer, 2002, p. 27).

Singer explora as possíveis origens dessas diferenças, ponderando entre explicações ambientais e biológicas. Ele reconhece que a socialização desempenha um papel significativo, com crianças aprendendo desde cedo os papéis de gênero, mas argumenta que essa explicação é



incompleta. Ele sugere que os papéis de gênero têm raízes em sociedades primitivas, onde as mulheres, por amamentarem, ficavam perto de casa, enquanto os homens saíam para caçar, o que lhes conferia dominância devido à força física e agressividade. Esses papéis, segundo Singer, são um legado que se tornou obsoleto com o avanço tecnológico, que permite às mulheres combinar maternidade e carreira, eliminando a necessidade de uma divisão tão rígida dos papéis sexuais. Além do condicionamento social, fatores biológicos também desempenham um papel nas diferenças psicológicas entre os sexos. Singer cita o livro *The Psychology of Sex Differences* (A Psicologia das Diferenças de Sexo) de Eleanor Emmons Maccoby e Carol Nagy Jacklin, que apresenta evidências de que a maior agressividade masculina tem uma base biológica. Essas evidências incluem a constatação de que homens são mais agressivos em todas as sociedades estudadas, que diferenças semelhantes são encontradas em primatas e outros mamíferos, e que essas diferenças aparecem em crianças muito pequenas, antes que o condicionamento social tenha tido uma influência significativa. No entanto, Singer aponta que mesmo que as diferenças de capacidades visuais e espaciais, por exemplo, possam ter uma base biológica, isso não justifica a desigualdade de oportunidades entre homens e mulheres. Ele argumenta que essas diferenças biológicas não explicam completamente a predominância masculina em profissões como arquitetura e engenharia, e que o condicionamento social pode acentuar ou diminuir essas diferenças naturais.

O autor também reflete sobre as implicações das diferenças de agressividade entre os sexos, sugerindo que a maior agressividade masculina pode estar ligada à competitividade e à busca por poder, o que tem consequências para a igualdade de gênero. Ele menciona o argumento de Steve Goldberg em *The Inevitability of the Patriarch* (A Inevitabilidade do Patriarcado), que defende que a agressividade masculina tornaria impossível uma sociedade onde mulheres tenham tanto poder quanto os homens. Singer critica essa perspectiva, afirmando que mesmo que as diferenças psicológicas tenham uma origem biológica, elas não determinam necessariamente o papel social de homens e mulheres. O condicionamento social pode amplificar ou minimizar as diferenças biológicas, e que é possível questionar a forma como a sociedade incentiva o desenvolvimento de meninos e meninas em direções diferentes. Assim, ele defende que as feministas têm razão ao criticar a maneira como a sociedade reforça as diferenças psicológicas entre os sexos, mesmo que essas diferenças possam ter uma base biológica.

O referido autor aponta que, independentemente da origem das diferenças psicológicas entre os sexos, tais diferenças são evidentes apenas nas médias e não se aplicam a todos os

indivíduos. Por exemplo, algumas mulheres podem ser mais agressivas e ter melhor capacidade visual espacial do que alguns homens. A hipótese genética sobre a capacidade visual espacial sugere que cerca de um quarto das mulheres podem ter uma capacidade superior à de metade dos homens. Assim, não se pode afirmar que todas as mulheres estão incapacitadas para certas profissões ou papéis baseando-se apenas em médias gerais. Singer enfatiza que é essencial avaliar as pessoas como indivíduos, não agrupando-as apenas como "mulheres" ou "homens". Flexibilidade nos papéis de gênero é crucial para permitir que cada pessoa atue de acordo com suas habilidades e interesses individuais. Além disso, Singer observa que as diferenças de agressividade, assim como as diferenças de inteligência, não afetam os interesses humanos mais fundamentais, como evitar a dor, desenvolver habilidades e ter boas relações pessoais. A agressividade não é uma característica desejável e não justifica a supremacia masculina. Apesar de algumas pessoas argumentarem que as diferenças biológicas explicam a predominância masculina em certos campos, isso não constitui uma justificativa ética para desigualdades de poder e status.

Ao propor um movimento de libertação que combate preconceitos e discriminações baseadas em características arbitrárias, como raça ou gênero, sugerindo que a opressão histórica contra mulheres e minorias deve ser estendida aos animais, Singer argumenta que as mesmas razões morais que justificam a igualdade racial e de gênero também fundamentam a libertação animal, visto que preconceitos e discriminações baseiam-se em hierarquias arbitrárias que legitimam a exploração e subjugação de grupos dominados. O filósofo critica a ideia de que uma determinada forma de discriminação seja a última remanescente, ressaltando que muitos preconceitos enraizados só se tornam visíveis quando explicitamente apontados. Singer estabelece uma analogia entre os movimentos pelos direitos das mulheres e a libertação animal, destacando que, assim como as mulheres foram historicamente ridicularizadas por reivindicar igualdade, a extensão dessa lógica aos animais não-humanos é igualmente válida. Ele enfatiza que o princípio básico da igualdade não exige tratamento idêntico, mas sim consideração igualitária dos interesses de cada ser, levando em conta suas particularidades. Isso significa que, embora seres diferentes possam ter necessidades e direitos diferentes, todos merecem que seus interesses sejam tratados com igual importância.

O autor também aborda como a experimentação em seres humanos historicamente marginalizados, como negros e mulheres, ilustra a necessidade de uma ética que transcenda as diferenças factuais entre os seres. Singer critica a justificativa de desigualdades de direitos com base em características como inteligência ou força, afirmando que a igualdade é uma ideia

moral que orienta como os indivíduos devem ser tratados, independentemente de suas capacidades ou características. Ao analisar as diferenças psicológicas entre homens e mulheres, Singer reconhece que, embora existam variações em certas capacidades, essas diferenças não justificam desigualdade de oportunidades. Ele argumenta que o condicionamento social desempenha um papel significativo na amplificação ou minimização dessas diferenças, e que é crucial avaliar as pessoas como indivíduos, em vez de agrupá-las com base em gênero. Além disso, o referido autor critica a ideia de que a maior agressividade masculina justifique a supremacia masculina, defendendo que a flexibilidade nos papéis de gênero é essencial para uma sociedade mais justa. Singer, ao explorar a analogia entre a luta pelos direitos das mulheres e a libertação animal, propõe que a igualdade deve ser vista como um princípio ético que transcende diferenças individuais, desafiando qualquer justificativa para a desigualdade de direitos baseada em diferenças naturais ou adquiridas. Dessa forma, ele amplia o conceito de igualdade para incluir todos os seres sencientes, independentemente de sua espécie, sugerindo que a luta contra o especismo é uma extensão lógica e necessária das lutas históricas por igualdade e justiça.

## 4 UTILITARISMO E IGUALDADE DE GÊNERO: RELEVÂNCIA E APLICABILIDADE

Esta seção visa estabelecer conexões entre o utilitarismo de Peter Singer e os debates contemporâneos sobre a questão de gênero, explorando a aplicabilidade de suas ideias no contexto atual.

### 4.1 Utilitarismo e Igualdade de Gênero: Conexões Contemporâneas e Aplicações Práticas

Nos debates éticos contemporâneos, novas perspectivas emergem ao expandir as preocupações éticas para além dos seres humanos, abrangendo também a vida no planeta e os seres sencientes em geral. O filósofo australiano Peter Singer, por meio de suas obras "*Libertação Animal*" (1975) e "*Ética Prática*" (1979), defende uma ética que visa, dentro do possível e praticável, promover relações mais justas e igualitárias entre animais humanos e não humanos. Singer adota o utilitarismo e estabelece como critério ético fundamental a igual consideração de interesses, defendendo, a partir desse postulado, o respeito aos direitos dos animais. Singer enfatiza que a compreensão dos problemas da sociedade deve ser acompanhada pela necessidade de fornecer princípios éticos que orientem a resolução de conflitos. Ele argumenta que a ética deve ser pensada de forma a proporcionar uma explanação mais clara dos fatos analisados. Segundo Singer, a ética se fundamenta em um ponto de vista universal, mas isso não implica que todos os juízos éticos particulares sejam universalmente aplicáveis. Em "*Ética Prática*", o autor destaca que um juízo ético que não funciona na prática também apresenta um defeito teórico, pois a função principal dos juízos éticos é orientar a prática.

A história da arte e da literatura tem sido marcada por uma predominância masculina, onde as narrativas e representações femininas frequentemente foram moldadas por perspectivas patriarcais. Durante séculos, as mulheres foram excluídas dos principais movimentos artísticos e literários, suas vozes foram silenciadas e suas contribuições marginalizadas. Esse desequilíbrio refletiu não apenas nas oportunidades para mulheres artistas e escritoras, mas também na forma como o feminino foi retratado, muitas vezes de maneira estereotipada ou submissa. No entanto, o movimento feminista e os estudos de gênero começaram a reverter essa tendência, trazendo à tona as obras esquecidas de mulheres e questionando a representação tradicional de gênero nas artes.

Peter Singer, com sua abordagem utilitarista baseada na igual consideração de interesses, pode contribuir para esse debate ao oferecer uma concepção ética que desafia as

estruturas de poder tradicionais. Singer argumenta que as diferenças de gênero, assim como as diferenças entre espécies, não devem justificar discriminação ou desigualdade de tratamento. Aplicando sua filosofia ao campo da arte e literatura, Singer poderia apoiar a ideia de que as obras criadas por mulheres devem ser avaliadas com a mesma seriedade e respeito que as obras de seus pares masculinos. Além disso, sua defesa por uma ética inclusiva e igualitária pode ser vista como um reforço teórico para os movimentos que buscam não apenas a recuperação da história das mulheres nas artes, mas também uma representação mais justa e diversa de gênero em todas as formas de expressão cultural.

O movimento #MeToo, por exemplo, que ganhou notoriedade em 2017, começou como uma resposta global à cultura de assédio e abuso sexual, especialmente no local de trabalho. Inicialmente, o movimento foi impulsionado por acusações contra figuras proeminentes da indústria do entretenimento, mas rapidamente se expandiu para outras áreas da sociedade. Mulheres de diversas origens começaram a compartilhar suas experiências pessoais de assédio, abuso e violência sexual, muitas vezes ocorridas em ambientes onde o poder era desequilibrado, com homens em posições de autoridade. Essa onda de testemunhos revelou a extensão do problema e gerou uma reflexão profunda sobre as dinâmicas de gênero, poder e consentimento. O impacto do #MeToo foi imenso, resultando em uma série de mudanças significativas, tanto culturais quanto legais. Empresas e instituições passaram a adotar políticas mais rígidas contra o assédio, e muitas vítimas de abuso se sentiram encorajadas a buscar justiça, algumas delas após anos ou até décadas de silêncio. O movimento também trouxe à tona questões complexas sobre credibilidade, justiça e a presunção de inocência, além de promover um debate sobre as implicações de expor publicamente os acusados sem um processo formal. Ainda assim, o #MeToo serviu como um ponto de virada para a forma como a sociedade lida com o assédio sexual, exigindo maior responsabilidade de indivíduos e organizações.

Apesar de suas conquistas, o #MeToo também enfrentou críticas e desafios. Algumas pessoas argumentam que o movimento pode ter gerado um "efeito de manada", onde acusações infundadas poderiam prejudicar reputações e carreiras injustamente. Outros apontam que o movimento foi inicialmente centrado em mulheres brancas e famosas, e que as experiências de mulheres negras, LGBTQIAPN+ e de classes sociais mais baixas receberam menos atenção. No entanto, essas críticas também abriram espaço para uma discussão mais ampla sobre

interseccionalidade <sup>3</sup>e a necessidade de incluir diversas vozes na luta contra o assédio e a violência sexual.

A respeito dos debates contemporâneos sobre a questão de gênero, o utilitarismo, como apresentado por Singer, enfatiza a consideração igual dos interesses de todos os seres sencientes e busca maximizar o bem-estar geral. Esse ponto de vista pode ser aplicado de várias maneiras no contexto atual dos debates sobre gênero. No primeiro ponto, como supramencionado, Singer argumenta que a igualdade não é sobre tratar todos igualmente, mas sobre considerar igualmente os interesses de todos. No contexto de gênero, isso implica garantir que todos tenham acesso às mesmas oportunidades e recursos, independentemente do gênero. A ideia é que políticas e práticas devem ser avaliadas com base em como elas afetam o bem-estar dos indivíduos, e não em estereótipos ou preconceitos de gênero.

Para além disso, o utilitarismo de Singer pode questionar a justificativa para papéis de gênero tradicionais e desigualdades, que muitas vezes limitam as oportunidades das pessoas com base em seu gênero. Por exemplo, a ideia de que certos papéis são "naturais" para homens ou mulheres pode ser desafiada se essas expectativas limitam o bem-estar e as oportunidades das pessoas. O utilitarismo sugere que essas normas devem ser reavaliadas para promover o bem-estar máximo para todos. O utilitarismo pode apoiar a aceitação e o reconhecimento de identidades de gênero não-binárias e trans, argumentando que a consideração igual dos interesses deve incluir a consideração das necessidades e desejos dessas pessoas. A promoção do bem-estar não deve ser limitada por categorias tradicionais de gênero, mas deve abranger todas as identidades de gênero e suas respectivas necessidades. Singer sugere que a discriminação é moralmente errada porque viola o princípio da igualdade de consideração. No contexto de gênero, isso implica que práticas discriminatórias, como a desigualdade salarial entre homens e mulheres ou a falta de representação feminina em posições de poder, são injustificáveis. O utilitarismo incentiva a eliminação de tais discriminações para melhorar o bem-estar geral. O filósofo reconhece o papel do condicionamento social na formação de preconceitos. No debate de gênero, isso se traduz em questionar como as normas de gênero são ensinadas e perpetuadas desde a infância. O utilitarismo apoiaria iniciativas que promovem a igualdade de gênero e desafiam os estereótipos, considerando que tais medidas podem melhorar o bem-estar social ao reduzir a discriminação e aumentar as oportunidades para todos.

---

<sup>3</sup> Criado em 1989 por Kimberlé Crenshaw no contexto do movimento de mulheres negras dos Estados Unidos, esse conceito analisa como diferentes formas de discriminação, como racismo, sexismo, homofobia, entre outras, se sobrepõem e se interconectam, criando experiências únicas de opressão para indivíduos que pertencem a múltiplos grupos marginalizados.

Acerca da questão do aborto, por exemplo, O aborto é um tema que gera debates intensos na sociedade contemporânea, devido à sua natureza controversa e às implicações éticas e legais envolvidas. As discussões sobre o assunto dividem-se, principalmente, entre dois grupos: os pró-vida, que se opõem ao aborto e frequentemente defendem sua proibição completa com base na premissa de que o feto é uma pessoa com direitos iguais aos de qualquer cidadão; e os pró-escolha, que sustentam o direito das mulheres de decidirem sobre seus corpos, enfatizando a liberdade individual e o poder de escolha sobre suas vidas. Ambos os lados buscam moldar a opinião pública para angariar apoio e, assim, influenciar a legislação em torno do aborto.

No Brasil, por exemplo, o aborto é considerado crime contra a vida, conforme o artigo 124 do Código Penal. A penalidade varia de 1 a 3 anos de prisão se o procedimento for realizado pela própria gestante, com seu consentimento, e de 3 a 10 anos de reclusão se for realizado por terceiros, sem o consentimento da mulher. Contudo, há exceções em que o aborto não é penalizado: em casos de estupro, quando há risco de morte para a gestante ou quando o feto é diagnosticado com anencefalia, uma condição em que ocorre a má formação do cérebro. Essas exceções são fruto de debates e decisões judiciais que buscam equilibrar as complexas questões morais e de saúde pública envolvidas. O confronto entre as posições pró-vida e pró-escolha reflete a complexidade do debate sobre o aborto, onde se cruzam valores éticos, direitos humanos e questões de saúde. Enquanto os pró-vida veem o aborto como uma violação dos direitos do feto, os pró-escolha defendem que a autonomia das mulheres deve prevalecer em decisões que afetam diretamente suas vidas e corpos. Esse debate continua a evoluir, influenciando políticas públicas e a legislação em diversos países, e mantendo-se como um dos principais temas de discussão na arena dos direitos reprodutivos e da bioética.

As relações de dominação de gênero, apesar de sua persistência ao longo da história, sofreram transformações significativas, especialmente com a transição da família de uma unidade produtiva para um espaço privado fora da produção mercantil. Essas mudanças, como a conexão entre identidade de gênero e orientação sexual, ilustram que a opressão de gênero não é um fenômeno trans-histórico, mas sim uma construção social que varia conforme as condições econômicas e sociais de cada período. Um exemplo disso é a escravidão nos Estados Unidos, onde as mulheres escravas experimentaram uma forma específica de opressão, não tanto por seus pares, mas sim pelas mãos de seus senhores brancos, evidenciando a complexa intersecção entre classe, raça e gênero. Angela Davis, em seu livro "*Women, Race, and Class*" (Mulheres, Raça e Classe), argumenta que a opressão de gênero e a subversão das relações de poder entre os escravos afro-americanos foram diretamente influenciadas pelas formas

específicas de trabalho escravo e pela destruição das relações familiares entre os escravos. Isso sugere que a opressão de gênero está intimamente ligada às condições sociais e às relações de produção, e não pode ser plenamente compreendida sem considerar esses fatores. O capitalismo, embora não dependa intrinsecamente da opressão de gênero, historicamente tem instrumentalizado essas desigualdades para manter as hierarquias e a exploração de classe.

Peter Singer, pois, com sua concepção utilitarista e ênfase na igual consideração de interesses, contribui para essa discussão ao questionar a moralidade baseada em tradições e hierarquias históricas. Assim como ele desafia a visão tradicional de ética como uma série de proibições, também podemos aplicar seu pensamento para criticar as estruturas que perpetuam a opressão de gênero. Singer argumenta que uma ética prática deve ser orientada para a justiça e igualdade, sugerindo que as relações de poder baseadas em gênero, raça ou classe devem ser reformuladas para refletir esses princípios éticos. Assim, sua obra oferece uma base filosófica para criticar não apenas a opressão de gênero, mas também para promover uma visão mais igualitária nas relações humanas em geral.

A história da arte e do cinema tem refletido e, ao mesmo tempo, moldado as concepções de gênero ao longo dos séculos. Na pintura, por exemplo, a representação das mulheres foi frequentemente limitada a estereótipos que reforçavam papéis de gênero tradicionais. As mulheres eram retratadas como musas, objetos de desejo, figuras maternas, ou figuras secundárias, muitas vezes idealizadas ou erotizadas; em contraste com as representações masculinas que enfatizavam o poder, a ação e a heroísmo. Somente no século XX, com movimentos como o modernismo e o feminismo, mulheres artistas começaram a romper essa barreira e a desafiar a forma como eram retratadas. Artistas como Frida Kahlo, Georgia O'Keeffe e Cindy Sherman usaram a arte para explorar a identidade feminina, o corpo, e as limitações impostas pela sociedade. Artistas como Artemisia Gentileschi, uma das poucas mulheres pintoras reconhecidas no período barroco, desafiou essas normas ao abordar temas de violência contra a mulher, como em sua famosa obra *"Judite Decapitando Holofernes"*. Seu trabalho, assim como o de outras artistas mulheres, começou a questionar a posição submissa das mulheres na arte, abrindo caminho para uma maior consciência das questões de gênero nas representações artísticas. No cinema, a questão de gênero também tem sido um tema central, com filmes muitas vezes reforçando ou desafiando normas sociais.

Os quadros "Autorretrato com Colar de Espinhos e Beija-flor" (Frida Kahlo, 1940), "As Senhoras de Avignon" (Pablo Picasso, 1907), "A Grande Onda Feminista" (Guerrilla Girls, anos 1980) e "A Origem do Mundo" (Gustave Courbet, 1866) também abordam a questão de gênero na história da arte de maneiras distintas, mas complementares. Frida Kahlo, em



"Autorretrato com Colar de Espinhos e Beija-flor", explora sua dor pessoal e sua identidade feminina, desafiando os papéis tradicionais impostos às mulheres ao refletir sobre seu sofrimento e a complexidade de sua condição. Em contraste, "As Senhoras de Avignon" de Picasso representa uma ruptura com as representações femininas idealizadas da época, apresentando figuras femininas angulares e desafiadoras que subvertem os padrões convencionais de beleza. Por outro lado, o coletivo Guerrilla Girls, com "A Grande Onda Feminista", usa a arte como uma ferramenta de crítica política para destacar a sub-representação e a objetificação das mulheres na arte, promovendo uma reflexão sobre a invisibilidade feminina. Finalmente, "A Origem do Mundo" de Gustave Courbet desafia as normas da representação feminina ao expor a sexualidade de forma direta e controversa, provocando debates sobre o controle masculino sobre a imagem do corpo feminino

Durante a era de ouro de Hollywood, o cinema refletia fortemente as expectativas tradicionais de gênero, com homens frequentemente retratados como heróis e líderes, enquanto as mulheres eram confinadas a papéis de apoio ou como objetos de desejo. No entanto, com o avanço dos movimentos feministas, o cinema começou a explorar mais profundamente as complexidades das questões de gênero. Cineastas como Chantal Akerman e Agnes Varda desafiaram as narrativas convencionais, trazendo à tona as vozes e experiências das mulheres de uma maneira que questionava as estruturas patriarcais. O cinema contemporâneo continua a explorar essas dinâmicas, com um foco crescente na desconstrução de estereótipos de gênero e na representação mais inclusiva e multifacetada de todas as identidades de gênero.

Os filmes "As Sufragistas" (2015), "Thelma & Louise" (1991), "Frida" (2002), "Mulherzinhas" (2019) e "O Piano" (1993) abordam questões de gênero e a luta pela igualdade de maneiras variadas e significativas. "As Sufragistas" retrata a intensa luta das mulheres pelo direito ao voto no início do século XX no Reino Unido, destacando a opressão enfrentada e os sacrifícios feitos para alcançar a igualdade política. "Thelma & Louise" é um marco na representação da autonomia feminina, explorando a liberdade, a amizade e a rebelião das mulheres contra normas sociais que as restringem.

Em "Frida", a vida da pintora mexicana Frida Kahlo é apresentada como uma expressão da dor, identidade e desafios de gênero, usando a arte como um meio de subversão e autoafirmação. "Mulherzinhas" baseia-se no livro de Louisa May Alcott para explorar as aspirações e dificuldades de quatro irmãs em busca de independência e igualdade em uma sociedade dominada por homens. Finalmente, "O Piano", dirigido por Jane Campion, examina a relação de uma mulher muda com sua sexualidade e identidade em uma sociedade patriarcal do século XIX, revelando como é complexa a relação do poder e da expressão pessoal.

Na literatura, os "O Segundo Sexo" (Simone de Beauvoir, 1949), "Orgulho e Preconceito" (Jane Austen, 1813), "A Cor Púrpura" (Alice Walker, 1982), "Um Teto Todo Seu" (Virginia Woolf, 1929) e "O Conto da Aia" (Margaret Atwood, 1985) oferecem algumas reflexões sobre gênero e a opressão das mulheres ao longo da história e na ficção. "O Segundo Sexo" é um texto fundamental do feminismo que explora a construção social do conceito de mulher e as formas sistemáticas de opressão e subordinação associadas a ele. "Orgulho e Preconceito", por sua vez, embora frequentemente visto como um romance romântico, critica a falta de opções para as mulheres no início do século XIX, forçadas a casar para garantir estabilidade econômica. "A Cor Púrpura" aborda a interseccionalidade entre raça e gênero, apresentando a vida de mulheres negras no início do século 20 nos EUA, e suas lutas contra violência doméstica, racismo e sexismo. Em "Um Teto Todo Seu", Virginia Woolf argumenta que a independência financeira e um espaço próprio são essenciais para que as mulheres possam se destacar na literatura e outras áreas, desafiando a falta de oportunidades que enfrentam. Finalmente, "O Conto da Aia" é um romance distópico que retrata uma sociedade totalitária onde as mulheres são brutalmente oprimidas e controladas, destacando questões de controle do corpo feminino e a luta pela liberdade.

Na arte e no cinema, a mulher foi historicamente marginalizada e objetificada, o que reflete uma sociedade que não leva em consideração os interesses e a autonomia feminina. A filosofia utilitarista de Singer relembra que essa marginalização e opressão são eticamente falhas, pois não buscam tratar igualmente os interesses de mulheres. A questão da objetificação — seja de mulheres, animais ou qualquer outro grupo — é moralmente problemática porque desconsidera a dignidade e os interesses desses seres. A representação da mulher como objeto na arte e no cinema, por exemplo, tem um paralelo com a forma como Singer critica a desconsideração pelos interesses dos animais no especismo.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise da obra "*Ética Prática*" e da aplicação dos princípios utilitaristas ao contexto contemporâneo, foi possível identificar como o pensamento de Singer oferece uma concepção relevante e crítica para compreender e enfrentar as disparidades de gênero que persistem na sociedade. O estudo revelou que o utilitarismo de Singer, com seu foco na maximização do bem-estar e na consideração imparcial dos interesses de todos os seres sencientes, pode ser um recurso teórico na luta pela igualdade de gênero. Ao abordar a questão de gênero como um problema ético e social, Singer contribui para um entendimento mais amplo das injustiças históricas e contemporâneas enfrentadas por mulheres e outros grupos marginalizados. Ao longo dos capítulos, foram discutidos temas como igualdade, justiça social, o impacto do utilitarismo na filosofia de gênero, e a relevância das ideias de Singer em debates atuais, como o movimento #MeToo, a disparidade salarial entre os sexos, e os direitos reprodutivos. O primeiro capítulo *Fundamentos utilitaristas de Singer: igualdade e justiça social* investigou os fundamentos do utilitarismo na filosofia de Peter Singer, explorando como esse sistema ético aborda a igualdade e a justiça social. Singer, ao longo da década de 1970, desenvolveu uma concepção utilitarista focada na aplicação prática da ética, considerando o princípio da igual consideração de interesses como guia para decisões morais.

No segundo capítulo, buscou-se explorar as possíveis contribuições de Peter Singer ao debate sobre igualdade de gênero, com foco na analogia que o filósofo estabelece entre as lutas históricas por igualdade racial e de gênero e a defesa dos direitos dos animais. Assim como os movimentos pelos direitos das mulheres e contra o racismo enfrentaram preconceitos baseados em características arbitrárias, a luta pela libertação animal segue a mesma lógica moral. Mostrou-se, a partir da ética utilitarista, como a igualdade não implica tratamento idêntico, mas sim uma consideração justa dos interesses de cada ser, levando em conta suas particularidades. Singer também discute como preconceitos enraizados muitas vezes só se tornam visíveis quando explicitamente desafiados, destacando a importância de uma ética que transcenda diferenças factuais, como inteligência ou força, para promover uma igualdade mais ampla.

No último capítulo, intitulado "Utilitarismo e Igualdade de Gênero: Relevância e Aplicabilidade", foi explorada a conexão entre o utilitarismo de Peter Singer e os debates contemporâneos sobre igualdade de gênero. Foi ilustrado como a filosofia de Singer, conhecido por sua defesa da igual consideração de interesses de todos os seres sencientes, pode ser aplicada para questionar as discriminações baseadas em gênero. Argumentou-se que as

desigualdades de gênero, assim como as entre espécies, são injustificáveis e devem ser reformuladas para promover o bem-estar máximo. O capítulo também abordou como o utilitarismo pode oferecer uma base teórica para criticar normas tradicionais de gênero, propondo uma ética que promove a justiça e igualdade nas relações humanas. Além disso, a inclusão da estética e da história da arte enriqueceu a discussão, ao demonstrar como as representações de gênero na arte refletem e influenciam as mudanças sociais e éticas ao longo do tempo. A pesquisa não apenas destaca a importância das contribuições de Peter Singer para a ética prática e para a compreensão das questões de gênero, mas também sugere que o utilitarismo pode oferecer uma base teórica sólida para futuras investigações acadêmicas. Este trabalho pode, portanto, servir como um ponto de partida conceitual para outras pesquisas na área, e seu aprofundamento pode ser particularmente frutífero em futuras pesquisas, onde a reflexão sobre as interseções entre ética, gênero e outras esferas sociais e culturais pode ser desenvolvida com maior profundidade.

## 6 REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**; tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bossi; revisão da tradução e tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti. – 5ª Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BELSHAW, C.; KEMP, G; **Filósofos modernos**. Ed. Artmed. – São Paulo, 2010.

COSTA, Ana Alice. **Gênero, poder e empoderamento das mulheres**. 2008. Disponível em: [http://www.adolescencia.org.br/empower/website/2008/imagens/textos\\_pdf/Empoderamento.pdf](http://www.adolescencia.org.br/empower/website/2008/imagens/textos_pdf/Empoderamento.pdf) Acessado em: 20/07/2024

FELIPE, S. T. **Por uma questão de princípios: alcance e limites da ética prática de Peter Singer em defesa dos animais**. – Florianópolis – Fundação Boiteux, 2003.

FELIPE, S. T. **Ética prática contemporânea. Uma abordagem crítica**. ethic@. Florianópolis, v. 3, n. 3, p. 189-205, dez 2004.

LOPES, Cláudio Bartolomeu. **Trabalho Feminino em Contexto Angolano: um possível caminho na construção de autonomia. Dissertação** (Mestrado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo: PUC São Paulo, 2010.

MURARO, Rose Marie. **A Mulher no Terceiro Milênio**. 2.ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade: Porto Alegre, 1990.

SINGER, Peter. *Democracy and disobedience*. Oxford: Oxford University Press, 1973.

\_\_\_\_\_. **Ética práctica**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1995. Tradução espanhola.

\_\_\_\_\_. **Ética prática**. Trad. de Jefferson Luís Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

\_\_\_\_\_. **Ética prática**; tradução de Jefferson Luiz Camargo. – São Paulo: Martins Fontes, 2002. (Coleção biblioteca universal).

\_\_\_\_\_. **Libertação animal**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

\_\_\_\_\_. **Vida Ética**. Trad. Alice Xavier. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Ediouro Publicações S.A, 2002.